

A AMBIVALÊNCIA DO CANGACEIRO E O DIALOGISMO NUM POEMA DE LITERATURA DE CORDEL

Raymundo José da Silva (UEMS)

Rayjs@bol.com.br

A Literatura de Cordel, embora pouco conhecida pela maioria dos leitores brasileiros, tornou-se, pelo menos até a década de 1970, possivelmente a mais genuína forma de expressão sociocultural do povo sertanejo. Dentre os temas intensamente explorados, destacou-se o cangaço, de onde surgiram figuras nacionalmente conhecidas, um misto de herói e bandido, sendo Lampião o maior representante. Oriunda da Península Ibérica, essa literatura desenvolveu no Nordeste características marcantes, como a religiosidade, o misticismo e a valorização de determinadas formas de conduta. Deste modo, os folhetos, além de funcionarem como entretenimento e veículos de informação da gente simples do sertão, pretendiam corrigir os maus costumes e condenar os pecados mediante um exemplo, geralmente registrado no final pelo sujeito-autor. Considerando esses aspectos, este trabalho tem por objetivo analisar o discurso do poema Lampião e Maria Bonita no Paraíso tentados por satanás, do cordelista João de Barros (Jotabarro), tendo, como suporte, o pensamento de Bakhtin (1997) e Pêcheux (1988), que teorizam sobre o fenômeno da polifonia e a ilusão da originalidade discursiva do sujeito